



PEDAGOGIA DO OUTRO: UM INSTRUMENTO DE JESUS PARA DESPERTAR O SEU DISCIPULADO

(Pedagogy of the other:
an instrument of Jesus to awaken his discipleship)

Adiel Fernandes Braga Junior

Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

E-mail: adiel_junior@hotmail.com

RESUMO

A presente pesquisa oferece ao leitor um estudo exegetico-teológico do evangelho segundo Lucas 10:25-37, perícopo na qual se narra um diálogo de Jesus com um intérprete da lei. O que se percebe é que há muitos estudos que consideram demasiadamente a parábola e ignoram o diálogo teológico presente no texto. Esta pesquisa pretende aprofundar o recurso narrativo de perguntas e respostas, utilizado por Lucas, para indicá-lo como um instrumento pedagógico de Jesus a fim de despertar seu discipulado. A perícopo é estruturada por duas perguntas do intérprete da lei: "Mestre, o que fazer para herdar a vida eterna?" (*διδάσκαλε, τί ποιήσας ζωὴν αἰώνιον κληρονομήσω;*) (v.25) e "E quem é o meu próximo?" (*καὶ τίς ἐστὶν μου πλησίον;*) (v.29); três perguntas feitas por Jesus: "Na lei o que está escrito? Como lêis?" (*Ἐν τῷ νόμῳ τί γέγραπται; πῶς ἀναγινώσκεις;*) (v.26b) e "Quem pois destes três te parece haver-se tornado próximo do que caiu entre os ladrões? (*τίς τούτων τῶν τριῶν πλησίον δοκεῖ σοι γεγονέναι τοῦ ἐμπεσόντος εἰς τοὺς ληστὰς*)" (v.36); duas respostas do intérprete da lei (vv.27,36); e um discurso parabólico (vv.30-35). A metodologia aplicada é de cunho bibliográfico em perspectiva interdisciplinar, a fim de fomentar a pesquisa na área da Teologia Bíblica, a partir da contribuição da pedagogia no ensino religioso. Espera-se, desse modo, contribuir com o debate sobre a igreja e o ensino bíblico para um novo século.

Palavras-chave: Pedagogia do outro; Discipulado; Despertar; Teologia Bíblica.

ABSTRACT

The present research provides the reader with an exegetic-theological study of the gospel according to Luke 10: 25-37, a passage in which a dialogue of Jesus is told with an interpreter of the law. What is noticed is that there are many studies that consider so much the parable itself and ignore the theological dialogue present in the text. This research seeks to deepen the narrative resource of questions and answers, used by Luke, to indicate it as a pedagogical instrument of Jesus in order to awaken His discipleship. The pericope is structured by two questions of the interpreter of the law: "Master, what must I do to inherit eternal life?" (*Διδάσκαλε, τί ποιήσας ἡωὴν αἰώνιον κληρονομήσω;*) (v.25) and "And who is my neighbor?" (*Καὶ τίς ἐστὶν μου πλησίον;*) (v.29); three questions asked by Jesus: "What is written in the Law? What is your reading of it?" (V.26b) and "Which of these three, do you think, proved himself a neighbor to the man who fell into the bandits' hands?" (V. 36) (*Τίς τούτων τῶν τριῶν πλησίον δοκεῖ σοι γεγονέναι τοῦ ἐμπεσόντος εἰς τοὺς ληστὰς*) (v.36); two answers from the interpreter of the law (vv.27,36); and a parabolic discourse (vv.30-35). The applied methodology is of bibliographic character in an interdisciplinary perspective, in order to foment the research in the field of Biblical Theology, from the contribution of the pedagogy in the religious teaching. It is hoped, therefore, to contribute to the debate on the church and biblical teaching for a new century.

Keywords: Pedagogy of the other; Discipleship; Awakening; Biblical Theology.



INTRODUÇÃO

A perícopé escolhida é um relato redacional e está na seção da subida de Jesus a Jerusalém. A seção mais importante¹ e original de todo o evangelho segundo Lucas é o relato da viagem² e denominada de interlucano³. Pesquisas exegéticas apontam para essa unidade literária com o maior volume de texto redacional, o que reforça a tese da sua importância teológica na obra lucana. O hagiógrafo dedica quase metade da sua obra narrando a subida de Jesus Messias a Jerusalém, enquanto na tradição sinótica os autores dedicam cerca de dois capítulos. O relato da viagem se torna a seção central do evangelho, por isso a rota traçada pelo autor tem muito mais conteúdo teológico do que geográfico. No início da seção aparece Jerusalém (9:51) e, na sequência, o povoado samaritano (9:52), culminando em Jerusalém (19:28). Duas categorias que ocupam um espaço teológico privilegiado no terceiro evangelho: Jerusalém e samaritano. Os dois são citados na perícopé aqui estudada. Vale ainda sublinhar que há divergências entre os exegetas quanto à extensão do relato da viagem⁴.

O relato da viagem a Jerusalém mostra os discípulos ao lado do Mestre e, com isso, a caminhada de Jesus se torna orientadora para o discipulado. O autor do terceiro evangelho parece querer indicar a semelhança dos discípulos com Jesus. Dessa forma, o que a perícopé lhes apresenta é um instrumento pedagógico para formar discípulos. Ao interpretá-la nessa perspectiva, abre-se a possibilidade de os discípulos ouvirem o outro sem a pretensão de dar as respostas, e sim ouvir o que o outro tem a dizer. Mesmo o texto tendo sido elaborado dentro de um contexto histórico-geográfico-cultural específico, ainda assim nos convida a refletir sobre a maneira de dialogar com o outro. A perícopé mostra que Jesus não ignora as perguntas do intérprete da lei: Ele parabeniza as respostas dadas por seu interlocutor e reforça positivamente a validade com a prática.

Este rápido resumo do relato da viagem dentro da obra lucana serve para mostrar ao leitor que se trata de um denso conteúdo teológico e que suas unidades literárias são, em sua grande maioria, composição própria do autor, o que revela traços fortes e específicos da comunidade lucana. Dessa forma, o artigo propõe interpretar o diálogo teológico entre Jesus e o intérprete da lei, em Lc 10:25-37. O texto coloca em relevo a maneira que Jesus dialoga com o seu interlocutor. Na narrativa lucana, Jesus não oferece nenhuma resposta ao intérprete da lei, pois é este mesmo quem as dá. Com isso, Lucas coloca o leitor diante de um modelo pedagógico em que o respeito com o outro é o alicerce para a busca de respostas significativas. Percebe-se que é o intérprete da lei quem inicia o diálogo com a pergunta:

¹ FITZMYER, Joseph A. *El Evangelio según Lucas*, III, p. 177. CASALEGNO, Alberto. *Lucas a caminho com Jesus missionário*, p. 129-163.

² SCHMID, Josef. *El Evangelio según San Lucas*, p. 251.

³ LOCKMANN, Paulo Tarso de Oliveira. *O Interlucano. A narrativa da viagem a Jerusalém. Lc 9:51-19.48*, defende a tese dessa seção como o interlucano, além de ser uma unidade muito diferente dos sinóticos, é a maior concentração de material da fonte Lucas, p. 101.

⁴ ULLOA, Boris Agustín Nef. *A apresentação de Jesus no templo: (Lc 2:22-39); O testemunho profético de Simeão e Ana como ícone da história da salvação*, p. 113, apresenta essa discussão mostrando alguns dos principais autores. CASALEGNO, Alberto. *Lucas a caminho com Jesus missionário*, p. 132, complementa com outras propostas. Quanto ao encerramento desta importante seção na obra lucana, os exegetas divergem. Alguns colocam como concluída a viagem em 19:27, outros no v.28. Há os que a colocam no v.44 ou v.46. Há também os que sugerem a conclusão em 18:14, utilizando o argumento de que o autor deixa de seguir a fonte Q e retoma o relato de Marcos.



“Mestre, o que devo praticar para herdar a vida eterna?” (10:25), sendo que é ele mesmo quem responde: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento, e o teu próximo como a ti mesmo” (10:27). A sua segunda cena inicia também com uma pergunta feita pelo intérprete da lei: “E quem é o meu próximo?” (10:29), sendo que, da mesma forma, é ele quem responde: “o que praticou a misericórdia” (10:37b). Com essa estrutura, de perguntas e respostas, a narrativa se torna um dos textos inspiradores, quando se foca a sua contribuição na formação do discipulado. Deixar que o outro faça as suas perguntas e ajudá-lo a encontrar as próprias respostas é o modelo pedagógico que a perícopes nos oferece.

No capítulo 10º do evangelho segundo Lucas, o ouvinte-leitor toma conhecimento da missão dada por Jesus aos setenta⁵ discípulos (vv.1-24). Eles são enviados a todas as cidades e, ao mesmo tempo, advertidos de que seriam como cordeiros no meio de lobos. Nos vv.4-8, o autor descreve de forma detalhada como os discípulos deviam ir para missão. O ápice do envio dos setenta consta no v.9: “Curai os enfermos que lá houver e proclamai: Chegou a vós o reino de Deus”. O hagiógrafo não dá informações sobre a duração daquela missão, porém, descreve que todos voltaram com alegria. Em Lc 10:20, Jesus ressignifica a alegria dos discípulos dizendo: “Todavia por isto não vos alegréis porque os espíritos estão subordinados a vós, alegrai-vos porém porque os vossos nomes foram escritos nos céus”.

Note-se que no evangelho segundo Lucas 10:21, há a continuação do momento do versículo anterior em que Jesus faz a ressignificação: “Naquela mesma hora exultou Jesus no Espírito Santo e disse: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos; sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado”. O autor usa o mesmo verbo *ἠγαλλιάσατο* (exultou) que abre o *Magnificat*, “E exultou meu espírito em Deus meu salvador” (Lc 1:47).

Na parte inicial de Lc 10, o hagiógrafo prepara o ouvinte-leitor para receber a narrativa seguinte (10:25-37). Aqui se destacam três elementos importantes: 1) o envio dos discípulos no meio de lobos; 2) a alegria de saber que seus nomes estão registrados nos céus; 3) que o Pai revelou as coisas ocultas aos pequeninos. Por outro lado, na perícopes (10:25-37) destacam-se: 1) o intérprete da Lei; 2) um homem vulnerável nas mãos dos perversos; 3) um samaritano que exerce a misericórdia. Percebe-se que, literariamente falando, há um paralelo que pode ser considerado: a vulnerabilidade dos discípulos (10:3) com um homem deixado meio morto (10:30); os pequeninos sabem que os seus nomes estão registrados nos céus (10:21) e o intérprete da lei não sabe o que praticar para herdar a vida eterna e quem é o próximo (10:25,29); a alegria dos discípulos em saberem (10:20) e a atitude do samaritano, de quem sabe (10:37). Mesmo porque, no evangelho segundo Lucas, as narrativas são elaboradas sob uma investigação cuidadosa e bem ordenada, a fim de confirmar o que já haviam ensinado, conforme as informações encontradas no prólogo Lc 1:1-4.

Diversos autores destacaram a importância de 10:25-37 no conjunto do relato da viagem a Jerusalém, embora a ênfase recaia na parábola (vv.39-35) e deixa em segundo plano o diálogo teológico do texto. Contudo, essa constatação faz emergir algumas perguntas: será que a parábola é o mais importante na perícopes? Quais os motivos que fazem desprestigiar as perguntas elaboradas na perícopes? Não se esgotam aqui as perguntas e não é o objetivo desta

⁵ Nos manuscritos indica a adição $\delta\upsilon\omicron$, A C L W Θ Ψ . Papiros do terceiro século, unciais B D.



pesquisa encerrar essa discussão. Não obstante, ela só foi apontada para mostrar ao leitor que a perícopes pode ser estudada a partir de outras perspectivas.

A perícopes de Lc 10:25-37 não possui um paralelo⁶ exato nos outros evangelhos sinóticos. O que há é uma discussão sobre qual é o maior mandamento da lei no evangelho segundo Marcos 12:28-31 e no evangelho segundo Mateus 22:34-40. Na perícopes lucana, quem responde é o intérprete da lei e, nos outros dois evangelhos, autores colocam Jesus respondendo a essa pergunta citando Dt 6:5 e Lv 18:19. Na perícopes lucana quem faz a citação do “*shema*” é o intérprete da lei e a pergunta não é sobre “qual é o maior mandamento da lei?”, mas: “O que devo praticar para herdar a vida eterna?” (Lc 10:25). Percebe-se também que o evangelho segundo Lc 20 apresenta basicamente os mesmos elementos que Mateus (cf. 22:23ss) e Marcos (cf. 12:18ss), porém um detalhe merece ser sublinhado: Lucas não continua a narrativa do maior mandamento da lei, ele a desloca e a modifica. Por que desloca para o capítulo 10º o que, segundo a ordem de suas fontes, deveria permanecer no capítulo 20?

“Sobre esse ponto só podemos arriscar suposições. O deslocamento teria sido provocado pela junção da parábola à controvérsia sobre o maior mandamento? Lucas teria achado que a parábola que punha em cena um samaritano estava em melhor situação nessa seção do Evangelho: indo para Jerusalém, Jesus se encontrava próximo da Samaria, onde, segundo a indicação do capítulo anterior, seu grupo procurou entrar (9:52)”⁷.

A pergunta elaborada em Lc 10:25 é a mesma que aparece em Lc 18:18. Nesse ponto emergem algumas questões: 1 – qual o motivo do autor refazer a mesma pergunta? 2 – apesar de citar a Torá, uma é a citação do Shemá (cf. Dt 6:5 e Lv 19:18) e a outra menciona cinco mandamentos do Decálogo (cf. Ex 20:12-16); será que uma perícopes complementa a outra? Essas questões e outras servem para mostrar a importância dada pelo autor e a necessidade de um olhar atento ao conjunto da obra lucana.

Para Fitzmyer, à primeira vista, os três episódios narrados por Mt 22:34-40, Mc 12:28-31 e Lc 10:25-28, guardam certas semelhanças. Tanto em Lucas como nos outros dois sinóticos surge um personagem que faz uma pergunta a Jesus e, como resposta, cita conjuntamente Dt 6:5 e Lv 19:18. Porém, o autor do evangelho segundo Lucas, em outro momento de sua narração, omite o paralelismo com Mc 12:28-34 (cf. Lc 20:27-40), talvez para evitar duplicidades⁸.

O que se sabe é que a perícopes (10:25-37) é um texto redacional lucano, o que lhe imprime um engenhoso estilo literário. No conjunto da obra lucana essa perícopes narra um diálogo teológico curto, acompanhado de uma parábola longa. Bailey⁹ observa que em Lc 7:36-50 e 18:18-30, acontece o contrário: a parábola é curta e o diálogo é longo, o que leva naturalmente à consideração da parábola como parte do diálogo. Isso por si só já mostra a diferença entre essas perícopes com a perícopes estudada aqui. Essas diferenças, quando não são observadas e analisadas, fazem com que os leitores desatentos ignorem o diálogo

⁶ Segundo CADDOCK, Fred B. *Luca*, p. 189, no evangelho segundo Lucas há um relato parcial do evangelho segundo Marcos 12:28-31 e segundo Mateus 22:34-40.

⁷ GOURGUES, Michel. *As parábolas de Lucas, do contexto às ressonâncias*, p. 17.

⁸ FITZMYER, Joseph. A. *El Evangelio Según Lucas III Traducción y Comentario, Capítulos 8:22-18:14*, pp. 264-265.

⁹ BAILEY, Kenneth. *As parábolas de Lucas*, p. 75.



teológico da perícopes (10:25-37), e considerem apenas a parábola. Contudo, uma análise exegético-teológica pode mostrar a importância do conteúdo do diálogo como um modelo pedagógico de Jesus para despertar o discipulado.

Se dividirmos a narrativa em duas cenas, teremos:

1ª cena	v. 25 – pergunta (intérprete da lei)
	v. 26 – perguntas (Jesus)
	v. 27 – resposta (citação da lei) (intérprete da lei)
	v. 28 – encerramento (fazer isso basta) (Jesus)
2ª cena	v. 29 – pergunta (intérprete da lei)
	vv. 30-35 – discurso parabólico (Jesus)
2ª cena	v. 36 – pergunta (Jesus)
	v. 37a – resposta (intérprete da lei)
	v. 37b – encerramento (vá e pratique da mesma forma) (Jesus).

Na primeira cena, há três perguntas, uma resposta e um encerramento; na segunda cena, segue basicamente a mesma estrutura: duas perguntas, uma resposta e um encerramento.

É interessante notar que quem inicia as cenas é o intérprete da lei, com uma pergunta, e quem dá as respostas é ele mesmo. Jesus faz perguntas e encerra as cenas. Na primeira cena, o foco é “o que praticar para herdar a vida eterna” (v.25). Na segunda, o foco continua sendo o mesmo, porém não se pergunta o que praticar, e sim, identificar quem é o “meu próximo” (v.29). Cada cena é iniciada com uma intenção do intérprete da lei. Na primeira, é para tentar Jesus e na segunda, é para justificar-se. As duas cenas encerram-se com o verbo (*ποιεί* - no imperativo, presente, ativa, segunda pessoa do plural), *prática*, que determina o caminho para a vida eterna. Esta análise das cenas mostra a interação da primeira cena com a segunda e que a parábola é contada na segunda cena por causa da primeira. O que confirma a defesa de Bailey sobre a extensão do diálogo em relação ao discurso parabólico.

Essas duas cenas estão unidas de tal forma que uma não pode ser compreendida sem a outra. Fitzmyer¹⁰ defende que dentro do relato da narrativa de viagem de Jesus a Jerusalém, a primeira cena (vv.25-28) está intimamente relacionado com a segunda (vv.29-37), por meio de uma nova pergunta: “E quem é meu próximo?” (*καὶ τίς ἐστὶν μου πλησίον*) (v.29c). O narrador conta a parábola do samaritano, “a composição, sem dúvida, de Lucas é criada para unir os dois episódios, a história do evangelista veio da sua fonte específica ‘L’”¹¹.

Grenier¹² sublinha que há um elaborado diálogo teológico acompanhado de uma parábola e destaca alguns recursos que Jesus, como mestre, utilizou para ensinar. Dentre os quais, a parábola é identificada como um recurso pedagógico dos rabinos. Porém, quando Jesus utiliza esse recurso pedagógico, vai além e leva em consideração três elementos: 1) quem o ouve; 2) o contexto do diálogo; 3) a intenção de anunciar o querigma. Nesse modelo pedagógico o

¹⁰ FITZMYER, Joseph. A. *El Evangelio Según Lucas III*, p. 276.

¹¹ Idem, p. 277.

¹² GRENIER, Brian. *Jesus, o mestre*, pp. 41-43.



interlocutor é atendido por Jesus sem o julgamento das suas intenções e os reais motivos das suas perguntas; o que de fato sustenta esse diálogo é a postura de Jesus, centrada na alteridade. Para Rogers¹³, na sua abordagem terapêutica, é indispensável ter consideração positiva incondicional. Esse tipo de prática terapêutica acolhe e aceita a pessoa como ela é. Para ele, a razão para se expressar essa consideração positiva incondicional se dá simplesmente por que a pessoa existe, não sendo necessário mais nada além disso.

O diálogo entre os dois personagens é emblemático na obra lucana. Lucas utiliza recursos literários para dar movimento ao intérprete da lei. A primeira cena diz que o intérprete da lei se levantou para tentá-lo (*ἀνέστη ἐκπειράζων αὐτόν*) (v.25) e a segunda diz que ele quis justificar-se (*θέλων δικαιῶσαι ἑαυτόν*) (v.29a). Com isso, o autor revela as intenções do intérprete da lei. E como Jesus age? Não esboça reação com a intenção do intérprete da lei, porém o ajuda a entender as suas inquietações. A comunidade lucana indica aos discípulos de Jesus que se propõe a formar discípulos a partir de um modelo pedagógico que não se baseia no confronto, mas oferece ao outro instrumento que amplie seus conhecimentos. Ensinar é instrumentalizar o outro para buscar o que lhe é acessível.

O modelo pedagógico utilizado por Jesus nesta perícopie consiste na ausência de sua resposta e no seu discurso parabólico. Em nenhum momento Jesus oferece uma resposta; pelo contrário, ele reforça a pergunta do seu interlocutor: “Na lei o que está escrito? Como lês?” (*ἐν τῷ νόμῳ τί γέγραπται πῶς ἀναγινώσκεις*) (v.26). Quanto ao discurso parabólico, Jesus o conta para fazer a sua terceira pergunta: “Quem destes três te parece que se tornou o próximo daquele que caiu entre os ladrões?” (*τίς τούτων τῶν τριῶν πλησίον δοκεῖ σοι γεγονέναι τοῦ ἐμπεσόντος εἰς τοὺς ληστές*) (v.36). Essas perguntas abrem o horizonte do saber do intérprete da lei e expande a sua capacidade de reflexão. Em outras palavras, a pergunta no (v.26) pode ser: “o que as pessoas escutam quando você lê em voz alta a lei?” Nota-se que imediatamente o interlocutor de Jesus responde.

A resposta é dada por quem perguntou primeiro, o intérprete da lei, aquele que desencadeou o ensinamento de Jesus: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo” (v.27). Em Mateus 22:34-40 e Marcos 12:28-31, essa combinação de Dt 6:5 e Lv 19:18 é atribuída a Jesus. O pano de fundo não é a subida a Jerusalém, como está em Lucas, mas na própria Jerusalém, na série de controvérsias que marcam a última etapa da missão de Jesus, como destaca Gourgues¹⁴.

Fitzmyer¹⁵ diz que no episódio marcano quem faz a pergunta é um doutor da lei e a pergunta é: “Qual é o primeiro de todos os mandamentos?” (Mc 12:28). Na redação de Mateus as circunstâncias das narrativas são as mesmas narradas por Marcos, porém a cena é muito bem mais elaborada e quem faz a pergunta é um jurista. Sobre o contexto em que a perícopie lucana está inserida o autor diz:

“Agora, o fio de sua narrativa da viagem de Jesus em Jerusalém, introduz um representante desse segundo grupo, um jurista que quer testar o Mestre e sua doutrina (Lc 10:25-28). Jesus acaba de proclamar ‘feliz’ são os discípulos

¹³ RUDIO, Franz Victor, *Orientação Não-diretiva na Educação, no Aconselhamento e na Psicoterapia*, p. 31.

¹⁴ GOURGUES, Michel. *As parábolas de Lucas, do contexto às ressonâncias*.

¹⁵ FITZMYER, Joseph. A. *El Evangelio Según Lucas III*, p. 266.



por ter ‘ouvido’ e ‘ouvido’ (Lc 10:24); agora, essa ‘bem-aventurança’ desemboca em um conselho paranético sobre a ‘vida eterna’, na caminho prático de possuir: o amor de Deus e o amor do próximo.”¹⁶

O que chama a atenção no diálogo teológico elaborado pelo hagiógrafo lucano é o recurso pedagógico utilizado por Jesus para despertar o seu discipulado. Diferentemente do relato marcano (cf. 11:27-33), em que Jesus, ao andar no templo, é questionado pelos principais sacerdotes, os escribas e os anciãos, “Com que autoridade fazes estas coisas? E quem te deu autoridade para fazê-las?” (v.28). Neste caso, Jesus faz outra pergunta para responder à indagação feita pelos três interlocutores: “O batismo de João era do céu ou dos homens? Respondei-me.” (v.30). Esse tipo de pergunta é utilizado por Jesus para “deixar seus interlocutores metidos numa aporia ou numa rua sem saída” Bravo¹⁷ não tem como finalidade oferecer respostas explícitas, mas deixar cada um responder por si só. Já em Lc 10:25-37, Jesus faz o intérprete da lei responder às suas próprias perguntas.

As perguntas e respostas são elementos-chave que ressaltam nesse modelo pedagógico apresentado por Lucas. Bravo¹⁸ sublinha que as perguntas desempenham um papel fundamental no modo de Jesus ensinar. “O fato de perguntar implica respeitar o interlocutor, porque se confia em sua capacidade de reflexão e de resposta”. Como foi dito anteriormente, as duas cenas que compõem a perícopa (10:25-37) se iniciam revelando a intenção do intérprete da lei. Por outro lado, as perguntas de Jesus são feitas para que o intérprete da lei reflita sobre o significado, o sentido mais profundo, do que vem a ser, segundo Jesus, conhecer os mandamentos.

O modelo pedagógico de perguntas e respostas considera o que o outro quer aprender. Jesus ensina o intérprete da lei a partir das suas próprias questões e não o deixa sair com suas dúvidas. O diálogo do intérprete da lei e Jesus tem como fundamentação teórica a Torá, uma vez que são mencionados dois textos do Pentateuco: “Amarás o Senhor teu Deus...” Dt 6:5, e um breve acréscimo: “E a teu próximo como a ti mesmo” Lv 19:18. O que Jesus acrescenta é a prática desse ensinamento religioso: “Pratique isto e viverás” (v.28).

Tanto na pedagogia quanto em áreas afins, as perguntas são utilizadas como instrumentos que possibilitam elucidar. Por exemplo, a psicanálise investiga a psique humana por meio de perguntas e respostas, a partir da técnica da livre associação. Contudo, como recurso pedagógico, as perguntas possibilitam reflexões críticas, que libertam da repetição e despertam respostas em cada indivíduo. Na formação de discípulos de Jesus não cabe quem sabe mais, quem é o maior, mas nessa formação sempre será possível aprender mais.

No evangelho segundo Lucas, no bloco da subida a Jerusalém (9:51-19:46), a perícopa (18:18-30) apresenta três perguntas: 1) O que praticar para herdar a vida eterna? (*τί ποιήσας ζωὴν αἰώνιον κληρονομήσω;*) (v.18); 2) Por que me chamas bom? (*τί με λέγεις ἀγαθόν;*) (v.19) e 3) E quem pode ser salvo? (*Καὶ τίς δύναται σωθῆναι;*) (v.26). Bailey¹⁹ fez um paralelismo entre as duas perícopas lucana (cf. 10:25-37; 18:18-30) e destaca o acréscimo “bom”, as semelhanças e diferenças estruturais entre as duas perícopas. Porém, cabe a esta pesquisa sublinhar as perguntas dos textos.

¹⁶ Idem, p. 265.

¹⁷ BRAVO, Artur. *O estilo pedagógico do mestre Jesus*, p. 71.

¹⁸ Idem. p. 69.

¹⁹ BAILEY, Kenneth. *As parábolas de Lucas*, pp. 344.348.



Em Lc 18:18-30 o diálogo inicia com um certo líder que faz a primeira pergunta; a segunda pergunta quem faz é Jesus; e a terceira, são os seus ouvintes. A única pessoa, na perícopes, que responde no texto é Jesus e todas as perguntas são respondidas. O autor do terceiro evangelho evidencia mais uma vez, no diálogo teológico, a importância da relação que há entre “herdar a vida eterna” e a “Torá”. Destaca, assim, a ação do ouvinte-leitor para validar a Torá no exercício da prática. A fundamentação teórica da perícopes está no Decálogo (cf. Ex 20:12-16) e a sua prática está fundada na pedagogia do discipulado de Jesus, que exige dos ouvintes, que assumam as implicações daquilo que lhes falta. “Uma coisa te falta ainda: tudo quanto tens vende e então distribui aos pobres, e terás um tesouro no céu; vem e segue-me” (v.22).

O autor lucano (18:18-30) apresenta um diálogo com três vozes: a de um certo líder (v.18), a de Jesus (v.19) e a de seus ouvintes (v.26). Os três personagens (individuais e coletivos) participam com perguntas. E como já sublinhado, as narrativas lucanas são elaboradas em uma perspectiva cronológica a fim de ensinar (cf. Lc 1:3-4). “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos sentidos”²⁰.

Ao considerar que as duas perícopes iniciam com os mesmos conteúdos, “vida eterna” (*ζωήν αἰώνιον*) e “lei” (*νόμος*), e utilizam basicamente a pedagogia de Jesus, perguntas e respostas, pode-se se levantar uma questão: Qual a base lucana para esse modelo de ensino?

Para Ulloa, os relatos da infância ocupam um lugar privilegiado na obra lucana (Lc-At), de modo que para alcançar uma melhor compreensão teológica do terceiro evangelho é preciso estudar (Lc 1-2) detalhadamente.

“A bibliografia geral sobre a obra lucana revela que os ‘relatos da infância’ (Lc 1-2) foram objetos de numerosos estudos. Com efeito, diversos autores destacaram a importância teológica de Lc 1-2 para a compreensão do conteúdo teológico de Lc-At”²¹.

A investigação exegético-teológica de Lc 1-2 possibilitou a confirmação da sua importância teológica no conjunto da narrativa lucana. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que nesses relatos o autor sublinha os principais temas da sua obra. Assim, em 2:41-52, descreve-se Jesus, pela primeira vez, envolvido em fazer perguntas e dar respostas: “E aconteceu depois de três dias acharam-no assentado no Templo entre os mestres, ouvindo-os e questionando-os. Estavam atônitos então todos os que o ouviam em virtude da sua inteligência e das respostas dele” (vv.46-47). Encontra-se, portanto, no início da obra lucana a fundamentação para o modelo pedagógico de Jesus, a partir de perguntas e respostas.

A pedagogia de Jesus estava voltada para despertar em seus discípulos a sentir a necessidade das pessoas ao seu redor, convidando-os a uma ação positiva diante do outro e de si mesmos. As perguntas e respostas oferecidas por Jesus aos seus ouvintes demonstram o cuidado em despertar no outro o seu conhecimento e, a partir daí, modificar a sua perspectiva e orientação.

Não posso entender os homens e as mulheres, a não ser mais do que simplesmente vivendo, histórica, cultural e socialmente existindo, como

²⁰ FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* p. 69.

²¹ ULLOA, Boris A. Nef. *A apresentação de Jesus no templo: (Lc 2:22-39); O testemunho profético de Simeão e Ana como ícone da história da salvação*, p. 11.



seres fazedores de seu ‘caminho’ que, ao fazê-lo, se expõem ou se entregam ao caminho que estão fazendo e que assim os fazem também. É por isso que o opressor se desumaniza ao desumanizar o oprimido, não importa que coma bem, que vista bem, que durma bem. Não seria possível desumanizar sem desumanizar-se tal a radicalidade social da vocação. Não sou se você não é, não sou, sobretudo, se proíbo você de ser²².

Ao reler essas perícopes do terceiro evangelho, viu-se a forma que Jesus ensinou aos seus ouvintes. O autor do terceiro evangelho desenvolve uma “teologia pedagógica” que se propõe a formar a identidade do seu discipulado. As narrativas apresentam um modelo paradigmático do ensino religioso, que considera o outro na sua alteridade. Além disso, os ouvintes-leitores do evangelho conservaram essa tradição na fé judaico-cristã, visto que, nos Atos dos Apóstolos relata-se a participação dos discípulos e discípulas de Jesus que, como testemunhas, ensinam e anunciam o kerygma cristológico com o objetivo de despertar novos(as) discípulos(as) para o seu Mestre.

CONCLUSÃO

A partir da análise de Lc 10:25-37 destacam-se, ao final desta pesquisa exegética, algumas considerações. Qual seria, mais especificamente, a sua contribuição para o ensino religioso da igreja do nosso tempo?

Note-se que os relatos lucanos emergem em um momento da história em que as comunidades religiosas buscavam a sua identidade e sua relação mais direta com os ensinamentos de Jesus, o Cristo. Nessas narrativas, quando os discípulos(as), e posteriormente os ouvintes-leitores, são interpelados pelas perguntas e respostas de Jesus, estes são, na verdade, chamados pelo mestre a confrontar-se com os desafios de suas respectivas gerações. E vale salientar que os textos foram escritos em três camadas, a saber: o tempo de Jesus, a tradição oral e finalmente a escrita. Esse processo durou décadas.

Assim, os discípulos, como comunidade que se reúne em torno dos ensinamentos de Jesus, são desafiados a dialogar com as diversas tradições – perguntar e responder – e sugerir, a partir do conhecimento teórico, o seu engajamento prático. Um discípulo de Jesus que ignora esse princípio pedagógico deixa de observar um pilar básico na formação de novos discípulos.

O autor do evangelho segundo Lucas imprimiu no seu texto a importância da escuta. A sequência do autor aponta nessa direção. O próximo relato não deixa dúvidas quanto ao seu propósito teológico e pedagógico na formação dos discípulos de Jesus. Em Lc 10:38-48, “Maria, e esta ficava assentada aos pés de Jesus, ouvindo sua palavra” (v.39c). Mais uma vez o autor surpreende o ouvinte-leitor com sua narrativa. Insiste na prioridade de uma escuta no que o outro tem a dizer; é o que compete ao discípulo. A narrativa encerra afirmando que Maria escolheu a boa parte e o que recebeu, não lhe será tirado (v.42c).

O instrumento pedagógico de Jesus para despertar seu discipulado consiste no silêncio para escutar a(s) pergunta(s) do outro e uma profunda reflexão para responder e suscitar novas perguntas. A igreja do nosso tempo é convidada a contribuir com a sociedade oferecendo, por meio do ensinamento religioso, não a última palavra, mas a palavra que inicia um olhar

²² FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, p. 100.



diferenciado para as questões do seu tempo. Os textos aqui estudados (cf. Lc 2:46-47; 10:25-37; 18:18-30) e analisados como parte da narrativa lucana, levam a destacar uma pedagogia surpreendente, uma pedagogia a partir do outro.

Ao ler a perícopes de Lc 10:25-37, apresentada na seção da subida a Jerusalém, desenvolve-se, de forma literária, uma teologia narrativa que se propõe a formar a identidade de seus ouvintes-leitores. Dessa forma, apresenta um modelo paradigmático de teologia e pedagogia, na formação de discípulos em diversos contextos. Nasce, assim, na fé judaico-cristã, como resposta, a escuta da Palavra de Deus. Sendo assim, judeus e cristãos religiosos afirmam, no tocante a esta Palavra, ser possível, até hoje, verificar sua veracidade, vivacidade e atualidade.

No mais, a narrativa aqui estudada, como parte do conjunto da obra lucana, destaca, de forma surpreendente, a composição interna do diálogo que acompanha um estilo de perceber a relação de Jesus com o outro. Em outras palavras, “Ama teu próximo; tudo isto é tu mesmo; esta obra é tu mesmo; este amor é tu mesmo ... A Bíblia é a prioridade do outro em relação a mim. É em outrem que sempre vejo a viúva e o órfão”²³. É o Deus que ama a todos.

BIBLIOGRAFIA

- BAILEY, Kenneth. *As parábolas de Lucas*. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- BÍBLIA, Versão Revisada.
- BRAVO, Artur. *O estilo pedagógico do mestre Jesus*. São Paulo: Paulus: Paulinas, 2009. (Coleção Quinta Conferência Bíblica).
- CADDOCK, Fred B. *Luca*. Torino: Claudiana, 2002.
- FITZMYER, Joseph. A. *El Evangelio Según Lucas III Traducción y Comentario, Capítulos 8.22-18.14*. Madrid: Ediciones Cristiandad, S. L. 1987.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. 43. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- GEORGE, A. *Leitura do evangelho de Lucas*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982. (Cadernos bíblicos – 13).
- GOURGUES, Michel. *As parábolas de Lucas, do contexto às ressonâncias*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- GRENIER, Brian. *Jesus, o mestre*. São Paulo: Paulus, 1998.
- HAUBECK, Wilfrid. SIEBENTHAL, Heinrich Von. *Nova chave linguística do Novo Testamento Grego: Mateus – Apocalipse*. São Paulo: Targumim: Hagnos, 2009.
- LÉVINAS, E. *Deus que vem à ideia*. 2ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- LOCKMANN, Paulo Tarso de Oliveira. *O Interlucano. A narrativa da viagem a Jerusalém. Lc 9.51-19.48*. Tese (Doutorado em Teologia) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- NESTLE-ALAND, *Novum Testamentum graece*. 27. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.
- RUDIO, Franz Victor, *Orientação Não-diretiva na Educação, no Aconselhamento e na Psicoterapia*. Petrópolis: RJ, Editora Vozes, 1975.
- SCHMID, Josef. *El Evangelio Según San Lucas*.

²³ LÉVINAS, E. *Deus que vem à ideia*, p. 129.



ULLOA, B. A. N. *A apresentação de Jesus no templo: (Lc 2:22-39); O testemunho profético de Simeão e Ana como ícone da história da salvação.* São Paulo: Paulinas, 2012. (Coleção Exegese).

Recebido em: 31/03/2017

Aprovado em: 07/03/2017